

CAIO TOZZI

A VIAGEM DE MUNDO

PANDA BOOKS



Texto © Caio Tozzi

Direção editorial
Marcelo Duarte
Patth Pachas
Tatiana Fulas

Coordenação editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Henrique Torres
Lais Cerullo
Samantha Culceag

Capa
Math Lopz

Diagramação
Elis Nunes

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Cristian Clemente
Vanessa Oliveira Benassi

Impressão
Lis Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T679v

Tozzi, Caio, 1984-

A viagem de Mundo / Caio Tozzi – 1. ed. – São Paulo: Panda
Books, 2023. 256 p.; 21 cm.

ISBN 978-65-5697-293-0

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Título.

23-84325

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643



2023

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

1. Velocidade	9
2. Porta	20
3. Mentecapto	33
4. Destino	43
5. Contato	53
6. Pulsar	60
7. Encontro	69
8. Retratos	82
9. Ligação	90
10. Acordo	104
11. Farsa	110
12. Teia	121
13. Beijo	129
14. Coragem	137
15. Correnteza	148
16. Riso	155
17. Revolução	165
18. Herói	179
19. Voo	192

20. Ritmo	198
21. Escrita	206
22. Desejo	214
23. Irmãos	226
24. Espelho	232
25. Sentir	241
26. Nome	248
27. Tempo	253

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

Para o Pedro

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

“O homem deve ser inventado a cada dia.”

Jean-Paul Sartre

PANDA BOOKS

1

VELOCIDADE

Um carro em alta velocidade cruzou a avenida. O motor fazia um barulhão daqueles. Eu odiava aqueles barulhos, principalmente de madrugada; eles me faziam acordar no susto. Eu não gostava de nada que me pegasse desprevenido, essa era a verdade. Coisa minha, sei lá. Mas não era madrugada ainda, e eu consegui ver pela janela o risco vermelho passar diante de mim. Quase como um tiro, um raio, um cometa, que num “*zupt!*” veio e logo se evaporou na escuridão. Aí, depois, tudo ficou igual de novo. Os veículos voltaram a seguir seus ritmos, indo de lá para cá de um jeito que, nos últimos tempos, me dava sono. Pessoas passavam, também devagar. Viviam suas vidas, cumpriam tarefas, com olhares perdidos, comuns. Tudo normal. Normal. Normal. Normal.

Tinha dia que me batia uma questão: quem eu realmente era? Que tipo de velocidade eu tinha? Talvez eu fosse mais para um veículo lerdo, e não aque-

las carangas em alta velocidade. Sempre me vi assim. O lance é que alguma coisa estava mudando. Aquele jeito tranqüilão que eu sempre tive estava sendo inundado por um outro. Um lado meu muito diferente do que eu conhecia. Era tipo um ser maior do que meu corpo, com um zilhão de coisas explodindo dentro dele, querendo sair. Misturava raiva, medo e uma pá de coisas que eu não sabia nem dizer.

Por isso, eu pensava sobre o que eu era e o que não queria mais ser. Então, prometi a mim mesmo que iria, de alguma maneira, mudar a minha rota. Eu estava cansado. Mesmo. Estava na hora de criar, tipo, uma vida nova para mim.

É, a vida que eu queria.

Ah, sei lá.

Isso era tudo muito confuso. Quando ficava assim, eu recorria ao meu bom e velho sótão. Aí, pronto! Lá eu ficava protegido até de mim mesmo, saca? Não posso dizer que se tratava de um esconderijo, é verdade, porque todo mundo em casa – meu pai, minha mãe e o Elídio, meu irmão mais velho – sempre soube da existência do refúgio. Não, não era segredo. Ainda assim, o fato de me trancar lá já informava que eu não estava a fim de papo (ok, eu

nunca queria papo com ninguém em casa e, a bem da verdade, eu também achava que não queriam comigo, a não ser minha mãe, que, coitada, vivia tentando harmonizar as energias de seus homens).

Estava cada vez mais difícil lidar com eles, conviver num dia a dia com as conversas de sempre, a vida de sempre. No sótão, eu podia ficar sossegado, de boa, trocando umas ideias com meus amigos pelo celular e ainda observar a vista pela janelinha. A vista, no caso, era uma avenida enorme que em algumas horas era um marasmo absurdo e em outras parecia uma estrada, de tanto movimento, com aqueles desviados pisando no acelerador como se não houvesse amanhã.

Amanhã.

Será que existiria o amanhã? Eu não gostava de pensar nisso, mas parecia inevitável. A palavra “futuro” estava cada vez mais presente na minha rotina. Na escola ficavam nos preparando para o futuro, um saco. Em casa meu pai não parava de falar nisso também – e sempre no *meu* futuro, nunca no *dele*, o que eu achava, sinceramente, que seria uma boa ele fazer. Porque o homem ficava o dia inteiro resmungando pelos cantos, ainda mais depois de perder

o emprego. Ok, eu sei que não foi fácil o que aconteceu. Só que desde então ele reclamava de tudo, colocando a culpa de seus problemas na crise econômica, no petróleo e blá-blá-blá. “E aí, cara? O que você pensa do seu futuro, hein?” Sim, era o que ele vivia me perguntando, mas bem que eu queria perguntar isso a ele, porque, pô, o sujeito estava vivo, saudável e só ficava naquelas...

Só que eu, até então, era o tal carro “normal”, se é que me entende. Era desses condutores que cumprem suas rotas respeitando a velocidade, sem fazer desvio, pegar atalho ou cogitar deixar de ir ou vir. Seguia conforme me orientavam. Era obediente, é isso. Sei lá o motivo, mas já não estava mais gostando que rolasse desse jeito. Nem sei se um dia gostei, mas era o jeito como sempre levei tudo. Eu estava mesmo sentindo muita vontade de fazer um barulho que incomodasse, para que perdessem o sono, deixar de ser aquele que fica só assistindo, de longe, à coragem dos outros.

Eu queria muito.

Juro que sim.

Mas você acha que era fácil mudar? Nada. Até porque a galera já tinha sacado como eu era. Todos já

associavam a minha pessoa, Edmundo Zappe Filho, à minha lerdeza, à minha falta de tino para uma série de coisas, como as garotas, por exemplo. Olha, se eu fosse um carro, nem sabia se, naquele assunto, eu podia me considerar cumprindo uma rota. Eu era, de verdade, um veículo zero quilômetro. Tem uns caras que eu conheço que não eram mais (sempre lembrando que tinha aqueles que mentiam que pisavam no acelerador, mas todo mundo sacava que ainda estavam tentando dar a partida). E eu ficava naquela, estacionado. Só pensando na Lara.

Putz, a Lara.

Era tudo muito estranho naquele lance. A gente se conhecia da escola, não éramos assim tão amigos, mas a gente se gostava. Não é que se gostava de se amar e tal, a gente simpatizava um com o outro. Pelo menos era o que eu achava, porque, quando passava por mim, Lara sempre dava um sorrisinho, tipo um “oi”, que eu achava diferente. É, a gente saca essas coisas. Não éramos íntimos, não tínhamos altos papos. Um estava sempre no radar do outro, embora tivéssemos lá nossas diferenças. Ela era simpática, despojada, divertida, enquanto eu era um cara mais na minha, até meio secão. Por isso, preferia confiar naquela máxima

de que os opostos se atraem. “Confiava”, o que era meio diferente de “acreditava”, veja bem.

A Lara também era, naquele tempo, um dos motivos de eu subir ao sótão e passar um tempão ali. Ela morava do outro lado da avenida, bem em frente à minha casa. Dali conseguia vê-la quando a janela do seu quarto estava aberta. Eu não era um maníaco, um *voyeur* ou coisa parecida. Diria que eu era apenas um adolescente. E os adolescentes, você bem sabe, têm dessas.

Eu tinha dezesseis anos e sabia poucas coisas sobre mim mesmo: que eu havia crescido doze centímetros no ano anterior, vítima do tal estirão, o que me impedia de ficar confortável no meu canto – não era mais possível manter as pernas esticadas no sótão; que o meu corpo estava sendo infestado por pelos – ah, os pelos! É só isso que tenho a dizer sobre eles: ah, os pelos! –; e que, por fim, eu odiava a escola. Eu era um aluno mediano e não fazia ideia de qual seria meu futuro, apesar do blá-blá-blá todo que já comentei. Além disso, eu sabia que alguma coisa estava mudando aqui dentro, mas só.

E, claro, também sabia que eu estava gostando da Lara.

Sobre esse último fato, tentei primeiro me enganar, e, vendo que era impossível, a missão passou a ser tentar enganar os meus colegas. Isso era preciso porque, diante de qualquer suspeita de um amor platônico na turma, o pessoal vinha sem dó zoar os sentimentos alheios. Coisa de gente cruel. Por isso, o esquema era ficar na miúda. Só que coração é coração, né? E a gente vacila e deixa escapar as pistas, como os olhares perdidos, os suspiros e os sorrisos idiotas.

Foi isso que rolou. E quando o assunto se tornou público, não saiu mais da pauta do grupo de troca de mensagens que eu tinha com os moleques. Dia e noite ficavam apertando a minha mente: “Vai lá, Edinho! Chega na mina!”; “Você não é homem?”; “Tá esperando o quê, rapaz?”; “Daqui a pouco ela fica com outro”. Era daí para mais os incentivos que me davam. Uns nem vale dizer aqui, sério.

É claro que vontade de me declarar não faltava. Mesmo. Juro. Cada vez mais. Mas o que eu devia falar? Que estava a fim dela? Que eu queria ficar com ela, beijar e tal? Não, não era fácil.

Até porque, além da timidez, tinha outro lance sério que precisava ser considerado: o velho Turíbio. No caso, o avô da Lara. Os dois moravam so-

zinhos, ele cuidava dela (eu nunca soube, na real, o que rolou com os pais da Lara) e era o maior casca-grossa das redondezas. E não apenas com a neta, de quem tinha muito ciúme, mas em relação a diversos outros assuntos referentes ao “convívio social”, se assim podemos dizer.

Acho que até daria para passar batida essa questão toda, conviver em certa “paz” com o sujeito, não fosse um acontecimento ocorrido entre ele e meu pai no passado, quando eu ainda era criança. Era algo que guardávamos como uma espécie de segredo nosso dentro de casa e que elevava o estado de tensão naquele pedaço da rua que nos separava. Ou seja, eu devia saber mesmo onde eu estava me metendo (mas eu não andava querendo pensar tanto nas consequências das coisas).

Ninguém presenciou a cena. Foi meu pai quem contou, assim que chegou certa noite, após mais um dia exaustivo de trabalho. Depois de descer do ônibus a uns metros de nossa casa, foi caminhando pela calçada na escuridão – a prefeitura sempre relapsa quando a questão era a iluminação da nossa região – e se deparou com uma cena que o assustou: um homem caído no chão. Meu pai, é claro, paralisou

onde estava, tentando analisar o acontecido. Ficou sem saber se passava reto ou se parava para prestar ajuda. Optou, como é bem a cara dele, por seguir e fingir que não tinha visto nada.

Só que, passos depois, percebeu que não estava só: alguém o observava. A sensação de perseguição tomou conta dele por alguns metros. Ao se aproximar do corpo estendido – temeu que o cara estivesse morto, pois não se mexia –, ouviu uma voz. A tal voz de trovão.

– Ei!

Meu pai parou. Voltou-se para o portão de uma casa, que estava semiaberto. Reconheceu no breu a silhueta corpulenta do vizinho. Nada falou, apenas ouviu.

– Finja que não viu o homem. Ele é problema meu, deixa que eu resolvo.

Meu pai engoliu em seco e assentiu com a cabeça. Só que ficou encarando o Turíbio, sem ação. O fato fez com que o homem levantasse a mão e sutilmente lhe apresentasse – foi o que meu pai jurou, tremendo, quando chegou em casa – uma arma. Algo brilhava na mão do vizinho. Meu pai tinha certeza de que era uma arma.

– Eu não quero que você seja um problema também, seu Edmundo.

O meu velho quase enfartou. Nunca tinham conversado e o homem até sabia o seu nome. Então Turíbio finalizou a conversa, antes de fechar o portão:

– Espero que estejamos entendidos. Tenha uma boa noite com sua família.

Seu Edmundo encarou o sujeito deitado no asfalto e vislumbrou que aquele poderia ser seu destino se insistisse em ficar ali. Correu para casa e chegou desesperado.

– Quero distância daquela família! – ordenou para todos nós naquele dia.

Todos obedecemos. Eu, pelo tempo que pude. Porque Lara... Ah, a existência dela foi me tomando de um jeito...

“Ed, você tá sabendo que a sua mina vai se mudar da cidade?” A mensagem surgiu na tela do celular como uma bomba. “Fica aí enrolando, moleque, vai perdê-la.”

Só podia ser zoeira do Cabelinho para cima de mim (sim, o apelido dele era esse por conta do erro que um cabeleireiro fez na sua cabeça quando estava no quinto ano – aí ficou, né?).

“Para com isso, mano! Não brinca com essas coisas!”, digitei.

“Edinho, se liga, minha mãe veio com essa, comemorando que todo mundo ficaria livre do Turibião. O homem colocou a casa para vender na imobiliária em que ela trabalha.”

Fiquei paralisado.

E se fosse verdade? E aí, Edmundo, o que você deveria fazer?

Encarei a vista da janela do sótão. Lembro que a noite estava estrelada. Uma lâmpada iluminava a frente da casa da Lara. Naquele instante, por ironia do destino, nenhum carro cruzava a avenida que nos separava. O silêncio me atravessou, perturbando. Peguei um pedaço de papel e um lápis que ficavam ali, sempre ao meu alcance, para tentar organizar o que estava acontecendo. Escrevi: “Velocidade”.

Naquele dia eu me dei conta de que precisava urgentemente decidir o que seria da minha vida a partir daquele momento.

Eu inventaria a minha história, fosse como fosse.

A que eu queria para mim.

E, de certo modo, foi o que eu fiz.